

5

CONCLUSÃO

No primeiro capítulo desta pesquisa apresentou-se, entre os elementos próprios de uma Introdução, o debate a respeito do uso das Escrituras de Israel nos escritos paulinos no qual realizou-se um percurso que desemboca nas contribuições que são a base do Método de G. K. Beale, ou seja, o aporte da chamada “nova perspectiva” para a compreensão da dimensão narrativa do pensamento paulino e aquele das teorias relacionadas à intertextualidade, as quais têm como base o pensamento de J. Kristeva para quem “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um em outro texto”¹⁰⁷⁰.

Percorrendo as etapas do Método exegético-hermenêutico proposto por G. K. Beale, em um primeiro momento buscou-se identificar as alusões a Is 52,13-53,12 no texto de Rm 5,12-21 e validá-las a partir dos critérios propostos por R. Hays. Tal procedimento resultou na confirmação da existência de uma alusão a Is 53,11-12 em Rm 5,15 e outra a Is 53,11 em Rm 5,19.

Tendo-se determinado e confirmado as alusões, partiu-se para a análise das mesmas, primeiramente em seu contexto histórico-literário original, e depois no contexto neotestamentário, lançando-se assim as bases para o estudo propriamente dito do uso hermenêutico, teológico e retórico das referidas alusões em Romanos. Nesse estudo colheram-se os frutos do trabalho realizado em precedência, apresentando-se, em conformidade com o Método empregado, as conclusões da presente pesquisa.

Entre outras coisas, nessas conclusões conseguiu-se vislumbrar a riqueza de sentido produzido pelas alusões ao texto isaiano no texto mais recente inserido em um ambiente cultural e religioso assinalado por uma profunda tensão escatológica no qual era viva a esperança da concretização das promessas de Deus feitas no Dêutero-Isaias ainda não plenamente realizadas.

Sendo assim, na perspectiva da intertextualidade, pode-se ver, de um lado, as alusões que remetem ao “Quarto Cântico do Servo” e ao seu contexto, contexto esse que aponta para uma mudança radical comparada a um novo êxodo e a uma nova criação, sendo mediação da ação do Senhor o “conhecimento de Deus” do

¹⁰⁷⁰ KRISTEVA, J. *Introdução à semanálise*, p. 68.

Servo que na sua fidelidade oferece sua vida como sacrifício de reparação para a justificação dos muitos. Deste modo, passa-se de uma situação, que vem descrita no contexto anterior do “Quarto Cântico”, em que Jerusalém ainda está em ruínas (חֲרָבוֹת cf. Is 52,9), a uma situação apresentada logo após o “Quarto Cântico”, na qual ela passa da condição de estéril (cf. Is 54,1), viúva (cf. Is 54,5) e abandonada (cf. Is 54,6), a uma condição de mãe de muitos filhos na qual terá de alargar a sua tenda para abrigar-los e na qual desposará o seu Criador e Redentor (cf. Is 54,1-8).

Por outro lado, tem-se outro elemento fundamental: a figura do leitor/ouvinte inserido em um contexto de profunda esperança na Redenção que seria operada por Deus, através da qual, de fato, ele libertaria o seu povo de uma situação de humilhação e escravidão e o revestiria de sua glória e majestade, realizando assim as promessas contidas no Dêutero-Isaias que se tinham tornado o novo paradigma da intervenção de Deus em favor do seu povo (cf. Is 43,9.16-20; 42,9).

A partir daí percebem-se os efeitos de sentido produzidos por essa relação intertextual, a sua riqueza hermenêutica, teológica e retórica, no leitor/ouvinte, o qual é, na perspectiva da intertextualidade, o responsável por discernir os ecos dos textos mais antigos no texto mais recente na “caverna de significados ressonantes”¹⁰⁷¹, que neste caso é o texto de Rm 5,12-21.

Logicamente a presente pesquisa se ateve aos limites demarcados pelo Método utilizado, restando à ciência teológica em geral explorar todas as consequências da recuperação dessa relação intertextual, e, de modo particular, à Antropologia Teológica que predominantemente utilizou-se desse texto paulino para tentar compreender a situação do ser humano que, pela sua infidelidade à יְהוָה הַבֵּרָה, fez, e continua fazendo, o movimento contrário à ordem estabelecida na Criação pela mesma הַבֵּרָה (cf. Gn 1,2-31), realizando o antiêxodo e retornado assim à escravidão¹⁰⁷².

Com efeito, tem-se encontrado dificuldades em apresentar Jesus Cristo ao mundo hodierno, no qual “seja o individualismo neo-pelagiano que o desprezo neo-

¹⁰⁷¹ HOLLANDER, J. *The Figure of Echo. A Mode of Allusion in Milton and after*, p. 65.

¹⁰⁷² Cf. LAMBRECHT, J. *The Wretched 'I' and Its Liberation, Paul in Romans 7 and 8*, p. 90.

gnóstico do corpo, descaracterizam a confissão de fé em Cristo, único Salvador universal”¹⁰⁷³.

Como indica a Carta *Placuit Deo*, acima citada, “é claro que a comparação com as heresias pelagiana e gnóstica pretende somente evocar traços gerais comuns” tendo em vista “a diferença entre o contexto histórico secularizado de hoje e o contexto dos primeiros séculos cristãos, nos quais estas heresias nasceram”¹⁰⁷⁴.

De fato, as tendências neo-pelagianas e neo-gnósticas hodiernas estão profundamente ligadas ao fenômeno do secularismo e nele encontram um terreno propício para o crescimento de movimentos e experiências religiosas de tendência individualista, relegando cada vez mais o cristianismo ao âmbito da vida privada e negando a sua profissão de fé no Verbo que verdadeiramente se fez carne e entrou na história humana, conduzindo muitos a aderir ao axioma que melhor define o secularismo, ou seja, à busca de viver “etsi Deus non daretur”¹⁰⁷⁵, traduzido nos dias atuais por “como se Deus não existisse”, o que gera uma situação na qual a pessoa humana corre o “risco de cair no relativismo ideológico e de ceder ao nihilismo moral, declarando por vezes bem o que é mal e mal o que é bem”¹⁰⁷⁶, o que produz na sociedade toda sorte de violência, de atentado contra a vida e a dignidade humana.

¹⁰⁷³ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta “*Placuit Deo*” aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da salvação cristã, n. 4. Disponível em: <www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20180222_placuit-eo_po.html>. Acesso em: 23 fev. 2018.

¹⁰⁷⁴ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Carta “*Placuit Deo*” aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da salvação cristã, n. 3.

¹⁰⁷⁵ “Na época do iluminismo se tentou entender e definir as normas morais essenciais dizendo que estas seriam válidas ‘etsi Deus non daretur’, mesmo que Deus não existisse. Na contraposição das confissões e na crise iminente da imagem de Deus se tentou manter os valores essenciais da moral fora das contradições e procurar para eles uma evidência que os tornasse independentes das múltiplas divisões e incertezas das várias filosofias e confissões. Assim se quis assegurar as bases da convivência e, mais amplamente, as bases da humanidade. Naquele tempo pareceu possível, enquanto as grandes convicções de fundo criadas pelo cristianismo em grande parte resistiam e pareciam inegáveis. Porém, as coisas não estão mais assim. A busca por uma tal certeza asseguradora, que possa permanecer incontestada além de todas as diferenças faliu. Nem mesmo o esforço, verdadeiramente grandioso, de Kant esteve em grau de criar a necessária unânime certeza. Kant negou que Deus possa ser conhecido no âmbito da razão pura, mas, ao mesmo tempo, tinha representado Deus, a liberdade e a imortalidade como postulados da razão prática, sem a qual, coerentemente, para ele não seria possível nenhum agir moral. A situação do mundo atual não nos faz pensar novamente que ele possa ter razão? Queria expressar-me com outras palavras: a tentativa, levada ao extremo, de plasmar as realidades humanas excluindo completamente a Deus nos conduz sempre mais à beira do abismo ao colocar totalmente o homem a parte”. RATINGER, J. L’Europa nella crisi delle culture. *Communio* 200 (2005) 27.

¹⁰⁷⁶ JOÃO PAULO II, Discorso ai partecipanti al III Forum Internazionale della Fondazione Alcide De Gasperi. *L’Osservatore Romano*. Roma, 24 fev. 2002, p. 4.

Nesse contexto, a recuperação do uso das categorias bíblico-teológicas da nova criação e do novo êxodo, substrato narrativo da perícopé, poderia auxiliar a Antropologia Teológica a apresentar Jesus Cristo como aquele que realiza o novo êxodo enquanto Redentor dos muitos e que resgata a humanidade da escravidão produzida pela ruptura da estrutura dialogal do ser humano e do consequente fechamento em si mesmo, inserindo-a na realidade da nova בְּרִייתָ na qual cada ser humano é chamado, com o auxílio do amor de Deus derramado nos corações (cf. Rm 5,5), a uma resposta de amor a Deus e ao próximo expressa na fidelidade à בְּרִייתָ vivenciada na comunidade dos que creem. Isto auxiliaria sobremaneira na superação do individualismo neo-pelagiano “em que o homem, radicalmente autônomo, pretende salvar-se a si mesmo sem reconhecer que ele depende, no mais profundo do seu ser, de Deus e dos outros” e onde a salvação é “confiada às forças do indivíduo ou a estruturas meramente humanas, incapazes de acolher a novidade do Espírito de Deus”¹⁰⁷⁷.

Por outro lado, a categoria da nova criação, utilizada por Paulo para descrever a novidade trazida por Cristo àqueles que, por meio dele, passaram da morte para a vida, tornando-se novas criaturas (cf. 2Cor 5,17; Rm 6,3-4; 8,19-23), auxiliaria a superar o neo-gnosticismo que pretende “libertar a pessoa do corpo e do mundo material, nos quais não se descobrem mais os vestígios da mão providente do Criador, mas se vê apenas uma realidade privada de significado, estranha à identidade última da pessoa e manipulável segundo os interesses do homem”¹⁰⁷⁸.

Para concluir faz-se necessária uma avaliação do Método empregado na presente pesquisa. Mesmo diante de todas as vantagens trazidas pela sua utilização expostas no item 1.6., depois de sua aplicação pode-se perceber seus limites, sendo o principal deles as repetições de procedimentos metodológicos.

Como exemplo pode-se citar o fato de se pedir no item que trata do critério do “Volume” que se determine a ênfase retórica dada pelo autor neotestamentário às alusões¹⁰⁷⁹. Porém, para que se chegue a determinar tal ênfase é necessário que se faça uma análise retórica do texto neotestamentário, procedimento repetido no

¹⁰⁷⁷ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta “Placuit Deo” aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da salvação cristã*, n. 3.

¹⁰⁷⁸ SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Carta “Placuit Deo” aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da salvação cristã*, n. 3.

¹⁰⁷⁹ Cf. HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 30.

item que se detém no uso retórico do texto veterotestamentário no Novo Testamento.

Outra repetição tem-se ao pedir, na aplicação do critério da “Plausibilidade histórica”¹⁰⁸⁰, que se faça uma comparação entre as interpretações feitas pelos judeus do I séc. d.C. do texto veterotestamentário e a interpretação neotestamentária estudada e, no item que trata das tradições interpretativas, que se verifique a interpretação do texto veterotestamentário no judaísmo anterior e posterior. Em ambos os itens deve-se contemplar, por exemplo, a análise das interpretações rabínicas, as quais, mesmo sendo o seu labor literário posterior ao ano 70 d.C., provavelmente têm suas fontes em tradições anteriores ou até mesmo contemporâneas a Paulo¹⁰⁸¹.

Deve-se destacar também a desproporcionalidade entre o esforço realizado na aplicação do critério da “História da interpretação” e o resultado desse esforço para a validação da alusão devido ao caráter inconclusivo deste critério, que provém do fato de que os leitores posteriores pertençam a um contexto totalmente diverso dos destinatários da missiva¹⁰⁸².

Quanto a outros critérios para a validação da alusão propostos por R. Hays e assumidos por G. K. Beale, segundo o próprio G. K. Beale, existiria uma sobreposição entre os critérios da “Coerência temática” e aquele da “Satisfação”, sendo que, para ele, “ambos têm como foco a maneira como o tema do contexto do Antigo Testamento funciona no contexto do Novo Testamento e o quanto esse tema do Antigo Testamento ilumina o argumento do autor neotestamentário no contexto”¹⁰⁸³.

Quanto ao estudo da interpretação do texto veterotestamentário nas tradições interpretativas, no caso específico do uso de Is 53,11-12 em Rm 5,12-21, não se mostrou de grande auxílio pela escassez de tais interpretações e pela especificidade e originalidade da interpretação paulina.

¹⁰⁸⁰ Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 33; HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, pp. 30-31.

¹⁰⁸¹ Cf. ALETTI, J.-N. *Romains 5,12-21. Logique, sens et fonction*, p.18.

¹⁰⁸² Cf. BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 33; HAYS, R. B. *Echoes of Scripture in the Letters of Paul*, p. 31.

¹⁰⁸³ BEALE, G. K. *Handbook on the New Testament Use of the Old Testament*, p. 35.